

## **Jornalismo em Debate: um programa da Cátedra FENAJ/UFSC de Jornalismo para a cidadania<sup>1</sup>**

Guilherme LONGO<sup>2</sup>  
Valci ZUCULOTO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, SC

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta o programa de rádio “Jornalismo em Debate” produzido em disciplina vinculada à Cátedra FENAJ/UFSC de Jornalismo para Cidadania, com foco nas edições do primeiro semestre de 2013. O programa é produzido mensalmente, tendo como formato principal o rádio debate, com convidados locais e nacionais que participam em estúdio ou por telefone, via híbrida. Os debates são sempre sobre uma cobertura que está na pauta do dia da imprensa brasileira. Sob a orientação de um professor, os alunos cumprem todo o processo de edição de um programa radiofônico deste tipo, desde a definição da pauta e pesquisa sobre o tema a ser abordado em cada edição até a pós-edição e avaliação dos resultados. O programa “Jornalismo em Debate” é transmitido mensalmente pela Rádio Ponto UFSC, em [www.radio.ufsc.br](http://www.radio.ufsc.br).

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo em Debate; Produção Radiofônica; Crítica de Mídia; Radiojornalismo; Cátedra FENAJ.

### **1 INTRODUÇÃO**

O programa de rádio “Jornalismo em Debate” é produzido em disciplina vinculada à disciplina Cátedra FENAJ/UFSC de Jornalismo para a Cidadania, uma parceria do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina com a Federação Nacional dos Jornalistas. A parceria se desenvolve há 14 anos, desde 2000, nos mais diversos formatos e atividades previstos no acordo entre as instituições. Programa radiofônico produzido em disciplina é um destes formatos e, na UFSC, vem sendo desenvolvido desde 2011. Inicialmente ia ao ar quinzenalmente. Na atualidade, como consequência da permanente avaliação sobre seus resultados, por parte dos estudantes e professores envolvidos na sua produção, realiza-se em edições mensais, em forma de mesa de debates radiofônicos, com

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção Laboratorial em Audiojornalismo e Radiojornalismo (avulso/conjunto ou série)..

<sup>2</sup> Aluno da 6ª fase do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, estagiário do laboratório de Radiojornalismo, voluntário da Rádio Ponto UFSC e integrante do GIRAFÁ – Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio – e GIPTele – Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo. [guilherme.longo93@gmail.com](mailto:guilherme.longo93@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do Trabalho, Valci Zuculoto é Profa. Dra. Da Graduação e Pós em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, jornalista formada na UFRGS, mestre e doutora pela PUC-RS, Diretora da FENAJ, Vice-Presidente do SJSC e Conselheira do FNPJ. Coordena o GT de História da Mídia Sonora da Rede Alcar e a categoria jornalismo do Prêmio Expocom/Intercom. É uma das líderes do GIRAFÁ – Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio. [valzuculoto@hotmail.com](mailto:valzuculoto@hotmail.com)

diferentes convidados especialistas locais e nacionais, que analisam as coberturas jornalísticas agendadas na pauta cotidiana da mídia brasileira e questões relativas ao exercício profissional do Jornalismo.

A ideia para a implantação da Cátedra FENAJ de Jornalismo para a Cidadania surgiu em 2000 e foi aprovada no mesmo ano no 29º Congresso Nacional dos Jornalistas, realizado em Salvador, Bahia. O Congresso é a instância maior de deliberação do movimento sindical dos jornalistas brasileiros. Os profissionais lá representados definiriam que a Cátedra seria desenvolvida em parceria com as Universidades, por meio de seus Cursos de Jornalismo. Seu foco seria o debate do Jornalismo, das questões profissionais e dos grandes temas em pauta relacionados ao exercício da cidadania. Isto através de ciclos de palestras e cursos que tratassem de história contemporânea, instituições políticas, temas sociais, ética profissional, políticas de comunicação, entre outros. Além de organizar as atividades, as instituições universitárias teriam como função resolver outras questões operacionais, buscando, se possível, a disponibilização impressa e online das promoções.

A FENAJ propõe três tipos de procedimentos para a implantação da Cátedra nas Universidades. São eles: a oferta de uma disciplina em caráter optativo, semestral, com metodologia própria; visita de jornalistas e acadêmicos de alta qualificação que ofereçam cursos de tema específico e duração limitada ou cursos de extensão de curta duração.

A parceria entre o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ) começou no ano 2000. Desde então, a disciplina Cátedra FENAJ vem produzindo palestras, debates, cursos, programas radiofônicos, seminários e publicações sobre temas relativos ao exercício da cidadania envolvendo história contemporânea, instituições e manifestações políticas, conjunturas econômicas e à prática responsável e ética do jornalismo.

Entre 2000 e 2003, a disciplina foi ministrada pelo professor Francisco Karam e após o afastamento do docente para pós-doutoramento, ficou seis anos fora da grade curricular. Voltou ser ministrada em 2011, dessa vez sob a orientação de Valci Zuculoto, com um novo formato: programas de rádio transmitidos quinzenalmente.

No primeiro semestre de 2013, em seu novo formato, passando a ser transmitido mensalmente, foram produzidas quatro edições abordando as seguintes temáticas: a cobertura de temas religiosos, a cobertura de temas relacionados aos países da América Latina, o Jornalismo Esportivo e a cobertura das manifestações populares de junho e julho de 2013.

## 2 OBJETIVO

Conforme o plano de ensino da disciplina (UFSC, JOR5956, 2011), esta, no currículo do Curso de Jornalismo da Federal de Santa Catarina, é caracterizada como atividade extraclasse, “focada especialmente na produção do programa radiofônico ‘Jornalismo em Debate’, veiculado na Rádio Ponto UFSC, para discussão e análise da cobertura jornalística brasileira de grandes temas que estão na pauta do dia.” Como objetivos gerais, o plano de ensino apresenta as seguintes finalidades:

Debater, analisar e compreender temas relativos à mídia e ao jornalismo, possibilitando não apenas aos estudantes do segmento e aos jornalistas, mas também ao público em geral, por se tratar de um programa de rádio via internet, o conhecimento de procedimentos profissionais e sua relação com a ética, com a teoria, com a técnica e com a estética, disseminados em diferentes suportes tecnológicos. Ao mesmo tempo, especialmente aos estudantes e aos jornalistas, permite aprofundar conhecimentos teóricos e técnicos, além da prática e da experimentação desenvolvidos nas demais disciplinas do Jornalismo, especialmente as da área radiojornalística. E para todos – estudantes, jornalistas e audiência potencial – representa contribuição para o entendimento crítico da mídia. (UFSC, JOR5956, 2011)

## 3 JUSTIFICATIVA

Programas ou outros espaços jornalísticos que discutem o exercício diário do próprio jornalismo não constituem uma prática na mídia brasileira. Isto embora especialmente o meio rádio, pela sua abrangência e potencial de audiência, além da possível interatividade com o público, propiciando uma maior participação deste, constitua um espaço por demais apropriado para este tipo de produção jornalística. “Duas das experiências realizadas e que se tornaram mais conhecidas são “o programete de cinco minutos ‘Observatório da Imprensa”, com comentários de Alberto Dines avaliando as coberturas da mídia em geral”, transmitido pela Cultura FM de São Paulo e a MEC do Rio de Janeiro (Zuculoto, 2012, p. 212-217), e o “Mídia em Debate – debates ao vivo entre profissionais da comunicação e representantes da sociedade sobre o tratamento da mídia aos fatos jornalísticos em relevância na semana-”, veiculado pela FM Cultura de Porto Alegre entre 2000 e 2002 (Zuculoto, 2012, p. 185).

No rádio, como se pode observar por estes exemplos, programações de análise da mídia são iniciativas mais restritas às emissoras públicas. Certamente pelo fato de estas estações, como a própria Rádio Ponto UFSC, buscarem construir suas grades atendendo à

missão do rádio público, onde se insere a radiofonia educativa. O professor e pesquisador Sérgio Mattos (2003, p. 71-72), ao refletir sobre o papel social do rádio, analisou assim como deveriam realizar-se as programações radiojornalísticas:

[...] Devem fornecer informações que contribuam para o exercício da cidadania, ajudando a população a conhecer seus direitos e deveres, ensinando e esclarecendo, por exemplo, sobre leis e como e onde obter assistência previdenciária, judiciária e hospitalar. [...]

A experiência do programa na UFSC segue na linha do entendimento de Mattos, compreendendo que um dos direitos da cidadania é justamente o acesso à informação qualificada e voltada ao interesse público. Para exercê-lo, a sociedade precisa estar capacitada e ter a oportunidade de entender e analisar criticamente a mídia jornalística.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

As edições tiveram o formato radiofônico preponderante de mesa de debates, seguindo linguagem e técnicas de produção adequadas ao meio (McLeisch, 2001, p. 107 a 112). Normalmente contaram com cerca de quatro convidados no estúdio e dois por telefone, além de dois mediadores, sendo um deles o professor Áureo Moraes e o outro sempre um dos estudantes.

Os programas têm o seguinte funcionamento: os alunos, matriculados na disciplina Cátedra FENAJ, se dividem nas funções de editor, subeditor, roteirista, repórter, produtor e apresentador, intercalando-se ao longo do semestre, além de todos, nas reuniões de pauta e avaliação, participarem da definição e da pesquisa do tema de cada uma das produções ao longo do semestre.

O programa é estruturado através de questões-chave colocadas aos convidados acerca do tema-base. Sempre houve o esforço dos alunos em trazer, tanto na seleção dos convidados quanto na abordagem dos temas, as diversas facetas que envolvem o debate e a pluralidade de entendimentos acerca da prática jornalística: o mercado de comunicação, os profissionais do jornalismo, a academia e a sociedade, incluindo aqui a organizada em sindicatos e outras entidades dos movimentos sociais bem como as próprias fontes e demais envolvidos com os fatos jornalísticos em discussão em cada programa.

#### **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

### 5.1. A cobertura jornalística sobre religiões

No início de 2013, a mídia brasileira fez uma cobertura intensa e detalhada da renúncia e da sucessão do papa Bento XVI. Para discutir não só como esse assunto foi abordado pela imprensa, mas também como as religiões em geral são tratadas no noticiário, a primeira edição do Jornalismo em Debate do ano escolheu como tema “A cobertura da imprensa brasileira sobre religiões: fé da imprensa ou mídia laica?”.

Participaram do programa o jornalista da TV Senado Chico Sant’Anna; a jornalista Vanessa Pedro, formada pela Universidade Federal de Santa Catarina, com mestrado em Literatura pela mesma universidade e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense; o escritor e roteirista Fábio Brüggmann, autor da coluna “Penso” do jornal Diário Catarinense, e o professor Domingos Nandi, do Instituto Teológico Santa Catarina, mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Pontifícia Salesiana, de Roma, e doutor pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

O debate foi conduzido a partir de uma reportagem produzida pelos alunos Mateus Vargas e Janine Silva, onde se apresentam pontos de vista divergentes sobre o modo como a mídia tratou o tema. De um lado, a cobertura foi vista como sido exagerada, desproporcional ao interesse público. Por outro, como correta e compatível com o ineditismo e peculiaridades do acontecimento. Ao final, a reportagem lançou uma questão: a cobertura realizada não ficou acima do interesse público?

Os convidados do programa reforçaram as opiniões expostas na reportagem. Fábio Brüggmann disse acreditar que a cobertura foi um reflexo de algo que já é sintomático da mídia brasileira: a tendência ao exagero e ao entretenimento. Domingos Nandi considerou positivo o papel da mídia de esclarecer os significados da escolha do novo papa, a simbologia do nome “Francisco” e o que isso representa na Igreja Católica. A jornalista Vanessa Pedro acrescentou ao debate a questão do espaço que a imprensa dedica às outras religiões com destaque para as afro-brasileiras, como o Candomblé. Para ela, essas religiões só ganham espaço em datas pontuais, como o Ano Novo ou Dia de Iemanjá, e dificilmente teriam uma cobertura como a sucessão do papa, por exemplo.

Num outro momento a discussão foi sobre a concessão de redes de televisão ou rádio a determinadas religiões. Chamado ao debate, o jornalista Chico Sant’Anna criticou que o monopólio informativo no Brasil, junto com ações que denigrem a imagem de outros tipos de religiões. Ele também chamou a atenção que, para outras religiões que são raízes da cultura brasileira, como a umbanda e a indígena. Destacou também que televisões e rádios

são de extrema importância para união e manutenção de uma cultura própria. Desse modo a falta de meios de comunicação para essas religiões ajuda a diminuir também a riqueza das religiões brasileiras. Fábio Brüggmann completou que isso acontece também porque concessões públicas são instrumentos de política. Para ele o governo brasileiro vem usando essa prática para reforçar e manter o poder na mão dos mesmos políticos.

## **5.2. O jornalismo brasileiro e a cobertura da América Latina**

A segunda edição do Jornalismo em Debate no primeiro semestre de 2013 foi veiculada no dia 14 de maio e teve como tema a cobertura da imprensa brasileira sobre os temas de relevância no âmbito da América Latina. A escolha do tema foi feita com base na opinião dos alunos sobre diversos acontecimentos prévios acerca do tema: a morte de Hugo Chávez e a eleição na Venezuela, o Golpe de Estado que derrubou Fernando Lugo da presidência do Paraguai, a Lei dos Meios da Argentina, entre outros.

Maria José Braga, a 1ª Vice-Presidente da Federação Nacional dos Jornalistas - FENAJ, Beto Almeida, jornalista da TV Senado e membro da Junta Diretiva da Telesur, Carlos Castilho, ex-editor da Rede Globo, Mauro Silveira, professor da graduação e pós-graduação do Curso de Jornalismo da UFSC, e Felipe Amin Filomeno, professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais, também da Universidade Federal de Santa Catarina.

Os convidados concordaram que temas latino-americanos são negligenciados por grande parte da imprensa. Para eles, a mídia brasileira é desagregadora, pois propaga estereótipos dos países latino-americanos ao invés de promover a solidariedade entre as nações. O exemplo citado pelo professor Mauro Silveira é o Paraguai, lembrado com frequência como o país do contrabando. Silveira pesquisou a cobertura da imprensa brasileira durante a Guerra do Paraguai (1864-1870) ou guerra contra o Paraguai, como prefere. Segundo Silveira, a imprensa indicava, superficialmente, que o Brasil estava em guerra contra um país liderado por um suposto tirano (Solano Lopez). O professor destaca que apesar de ter ocorrido num período distante, o trato da imprensa brasileira com assuntos Latino Americanos permanece superficial, tal qual no período da Guerra citada.

Para o professor Felipe Amin Filomeno, a cobertura brasileira sobre a América Latina reproduz o estereótipo que as nações do norte têm sobre a parte sul do continente. Beto Almeida cita a Telesur como uma alternativa para a comunicação entre os países da região. Para ele, a rede é um exemplo de canal público de sucesso, pois se contrapõe ao

jornalismo desagregador dominado por oligarquias familiares. A internet, para Carlos Castilho é a plataforma que reúne informações mais plurais sobre a América Latina. Na rede, coexistem de duas comunicações: a tradicional e a alternativa a última, sem controle vertical.

### **5.3. Cobertura Esportiva: Jornalismo ou entretenimento?**

A cobertura esportiva foi o tema da terceira edição do Jornalismo em Debate, veiculada no dia 18 junho, enquanto o país sediava a Copa das Confederações. A ideia da pauta partiu da necessidade de refletir o tratamento que a mídia brasileira vem dando aos eventos esportivos, tanto nos casos diários dos clubes de futebol, por exemplo, quanto nas questões relacionadas aos megaeventos como a Copa do Mundo de 2014, e as Olimpíadas de 2016.

Para discutir o tema, estiveram presentes no estúdio o narrador e comentarista da Band FM Claudionir Miranda; Giovani Pires, líder do Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva da UFSC (Labomídia) e o apresentador do Globo Esporte em Santa Catarina Giovani Martinello. Além deles, também participaram, por telefone, o jornalista José Cruz, membro da Comissão de Turismo e Esporte da Câmara dos Deputados, e o presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), Celso Schröder.

As reportagens, produzidas pelos alunos Mateus Boaventura e Gustavo Cruz, trataram de temas como o grande espaço dedicado ao futebol na mídia brasileira, a mitificação dos atletas, o jornalismo esportivo tratado como entretenimento e o caso do Clube Atlético Paranaense, que proibiu o contato da imprensa com seus jogadores. O jornalista Juca Kfoury, a professora do curso de Jornalismo da UFSC Cárilda Emerim, o editor chefe da revista *Racing* Venício Zambelli e o diretor executivo de marketing e comunicação do Atlético Paranaense foram alguns dos entrevistados para as matérias que contribuíram com o debate que acontecia no estúdio.

As posições de Schröder e do jornalista José Cruz foram contrastadas com as de Claudionir Miranda e Giovani Martinello. A principal divergência era a cobertura jornalística das questões sociais ligadas aos megaeventos, como remoção de moradias, corrupção e gastos públicos.

Para Cruz, os jornalistas devem investir no lado oculto do esporte: o econômico. Schröder criticou a relação estreita das anunciadoras da emissora com o jornalismo esportivo, que, nesse caso, pode tornar-se apenas entretenimento. Já os jornalistas de Santa



Catarina defenderam que, no caso da cobertura esportiva, o ponto ideal está entre o jornalismo tradicional e o entretenimento. Para eles, o jornalismo esportivo diário deve ser diferenciado da cobertura especial de casos que envolvem outras questões de interesse público, como o preço dos ingressos dos novos estádios para a Copa do Mundo.

#### **5.4. A cobertura jornalística da onda de manifestações em todo o Brasil**

A onda de protestos que tomou conta do Brasil em meados de junho e se estendeu também pelo início de julho tornou-se tema inevitável para a quarta edição do Jornalismo em Debate. A cobertura da mídia brasileira, repleta de particularidades, reviravoltas e incoerências, provou-se um tema rico para o debate, especialmente porque evocou as raízes ideológicas e éticas das instituições de imprensa do País.

Para esta quarta e última edição do semestre, o programa recebeu apenas convidados em estúdio. Foram eles: Samuel Lima, professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisador do Observatório de Ética Jornalística (objETHOS); Osvaldo Sagaz, produtor e repórter da rádio CBN/Diário e RBS TV; Sérgio Murillo de Andrade, diretor do Sindicato de Jornalistas de Santa Catarina; Antônio Brasil, professor do curso de Jornalismo da UFSC; e Maurício Frighetto, do jornal Notícias do Dia.

Duas reportagens foram produzidas pelos alunos José Fontenele e Mirene Fernandes da Silva Sá. A primeira delas, apresentada logo ao início do programa, abordou a presença da insatisfação com a mídia nos protestos que aconteceram em todo o Brasil e como a cobertura jornalística tratou de ignorar esse fator de indignação. Os entrevistados para esse boletim foram os professores do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Rogério Christofolletti, Francisco Karam e Mauro Silveira. A conclusão a que chegaram os entrevistados é que a população tem a percepção de que a mídia nacional falha em noticiar o interesse público, bem como ela própria está atrelada a campos de poder, que acabam por afetar o tom editorial dos veículos, e que, por isso, empresas jornalísticas e seus trabalhadores podem continuar a serem alvos dos manifestantes das ruas.

Já a segunda reportagem discutiu a violência que sofreram os jornalistas que participaram da cobertura das manifestações de junho. José Torves, primeiro suplente da Federação Nacional dos Jornalistas; Giuliana Vallone, repórter da Folha de São Paulo; e Rogério Christofolletti, professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, foram ouvidos. Ao encerramento da matéria, discute-se a proposta de criação de um protocolo para cobertura de risco com medidas de proteção ao profissional de imprensa



pela Federação Nacional dos Jornalistas, pela Associação Nacional dos Jornais e pela Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão.

Durante o programa, os debatedores discutiram se a mudança de posicionamento depois de alguns dias de protestos partiu de interesses comerciais, ideológicos ou de algum outro motivo. Falaram também sobre a reação da imprensa aos protestos durante os dias de jogo da Copa das Confederações e se souberam dosar a parte esportiva e a parte das manifestações. Outro ponto abordado foi o papel das redes sociais nesses dias fatídicos e quais as lições que os grandes conglomerados de imprensa têm a tirar disso. O professor Samuel Lima definiu a revolta de manifestantes com veículos de comunicação dizendo: "A rejeição não é ao jornalista, mas ao tipo de jornalismo praticado".

## **6 CONSIDERAÇÕES**

A disciplina Cátedra FENAJ busca analisar e estimular a prática de um jornalismo para a cidadania, que atenda ao interesse público de forma plural, crítica e ética. Por meio de debates sobre questões atuais, sobre a forma como a imprensa agenda e realiza a cobertura desses temas e também sobre situações essencialmente ligadas à profissão como a obrigatoriedade do diploma e liberdades de imprensa e de expressão, o programa visa contribuir para a capacitação tanto dos alunos quanto do público para a construção de uma visão crítica da mídia jornalística. Afinal, os debates são promovidos por meio do programa de rádio transmitido via internet, atingindo não só os alunos, mas também jornalistas e a audiência em geral, que pode ter acesso à produção não somente durante a irradiação ao vivo, mas a qualquer momento já que fica disponível permanentemente no acervo online da Rádio Ponto UFSC.

A partir da prática e da experimentação na produção do programa e também pela pesquisa acerca dos temas e o envolvimento direto nos debates propostos, os alunos também vem tendo a oportunidade não só de aplicar e aprofundar os conhecimentos teóricos e técnicos sobre o Jornalismo na Cátedra bem como nas demais disciplinas do Curso, principalmente nas da área radiojornalística. Assim, considera-se que é um programa que traz contribuição à formação dos jornalistas pela UFSC. Isto porque enquanto se destina, como atividade curricular do Curso, para a formação teórica e técnica, o programa estimula também a reflexão, por parte de seu amplo potencial público-alvo, sobre os desafios da prática jornalística, o papel do jornalista e a função social do Jornalismo.

Os debates, pelas próprias avaliações da disciplina e manifestações da audiência e convidados, têm servido para ampliar e aprofundar o conhecimento da área e assim, contribuir para formação destinada a estimular a crítica da mídia e o exercício da cidadania e, principalmente, de jornalistas entendedores do papel social da sua profissão. Além disso, estas avaliações consideram que o programa e sua produção também vêm contribuindo com experimentação para as buscas de qualificar o papel do rádio, especialmente a radiodifusão pública.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEDETTI, Marcia e FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (orgs). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FNDC - Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. **Bases de um Programa para a Democratização da Comunicação no Brasil**.1994. Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/arquivos/Programa.doc>>.
- Fundação Cultural Piratini – Rádio e Televisão. **No ar um projeto em construção: uma contribuição à memória TVE e FM Cultura**. Porto Alegre: Fundação Cultural Piratini – Rádio e Televisão, 2002.
- FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. **Jornalismo Público-Guia de Princípios**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2004.
- GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.
- HERREROS, Mariano Cebrián. **Información Radiofónica – Mediación, Técnica, Tratamiento y Programación**. Madrid: Editorial Síntesis, 1994
- \_\_\_\_\_. **Modelos de Radio, desarrollos e innovaciones. Del diálogo y participación a la interactividad**. Madrid: Editorial Fragua, 2007.
- MATTOS, Sérgio. O papel social do rádio: a mão dupla da comunicação. In.: CARMONA, Beth, et al. **Rádio e TV como instrumentos da cidadania**. Salvador: IRDEB, 2003.
- MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: um guia abrangente da produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.
- MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação – Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo**. Florianópolis, Editora Insular, Editora da UFSC, 2001. (disponível na BU)
- MEDITSCH, Eduardo ( Org). **Teorias do Rádio – Textos e Contextos**. Volume I, Florianópolis: Insular, 2005.
- MEDITSCH, Eduardo e ZUCULOTO, Valci (orgs.). **Teorias do Rádio – Textos e Contextos**. Volume II, Florianópolis: Insular, 2008.
- UFSC, JOR 5956. **Plano de ensino de Jornalismo em Debate – Cátedra FENAJ/UFSC**. Atividade Extra Classe Tronco Específico. Semestre 2011/1.
- ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.